

jorge schwartz

ORGANIZAÇÃO

maria carolina de araujo

COORDENAÇÃO EDITORIAL

# borges babilônico

uma enciclopédia



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da organização ©2017 by Jorge Schwartz  
Copyright da coordenação editorial ©2017 by  
Maria Carolina de Araujo

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor  
no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico

Raul Loureiro

Curadoria de imagens

Jorge Schwartz

Tradução dos textos em espanhol

Gêneze Andrade

Preparação

Márcia Copola

Checagem

Regina Pereira

Índice onomástico

Luciano Marchiori

Revisão

Isabel Cury

Angela das Neves

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](http://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](http://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/ciadasletras](http://twitter.com/ciadasletras)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Borges babilônico: Uma enciclopédia/organização Jorge Schwartz; coordenação editorial Maria Carolina de Araujo; [tradução dos textos em espanhol Gêneze Andrade].  
— 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ISBN: 978-85-359-2867-9

1. Apontamentos 2. Borges, Jorge Luis, 1899-1986  
3. Literatura argentina  
I. Schwartz, Jorge. II. Araujo, Maria Carolina de.

17-00667

CDD-ar864

Índice para catálogo sistemático:

1. Verbetes: Literatura argentina 860.9

## sumário

apresentação 9  
colaboradores 13

### **borges babilônico** 16

bibliografia 531  
índice de verbetes 539  
índice onomástico 552  
créditos das imagens 571

#	15
a	17
b	87
c	137
d	181
e	197
f	215
g	229
h	255
i	275
j	283
k	293
l	303
m	338
n	378
o	384
p	393
q	420
r	426
s	442
t	476
u	494
v	501
w	513
x	519
y	523
z	526



*De los diversos géneros literarios, el catálogo y la enciclopedia son los que más me placen.*

*No adolecen, por cierto, de vanidad. Son anónimos como las catedrales de piedra y como los generosos jardines.*

J. L. BORGES

Apud Antonio Fernández Ferrer, *Borges A/Z*, p. 160.

Poderia começar esta breve introdução fazendo considerações acerca do excesso que significa publicar mais um dicionário sobre Borges; poderia também refletir sobre o papel da biblioteca ou da enciclopédia em sua vida e literatura. Acredito que pouco tenho a acrescentar aos verbetes específicos a respeito desses tópicos aqui incluídos. Em todo caso, nenhum dos dicionários ao meu alcance foi concebido como trabalho em equipe ou inclui um número tão extenso e variado de colaboradores. Planejada a princípio para o leitor brasileiro, esta obra, com seus mais de mil verbetes, poderá ser de utilidade a um público bem mais amplo, e não só àquele dedicado exclusivamente à literatura.

A história do *Borges babilônico* (título emprestado de uma referência que Julio Cortázar faz ao mestre em *Cartas a los Jonquières*) teve início há muitos anos, como mero exercício de leitura — exercício que Borges sempre privilegiou ao da escrita, em particular quando se tratava da leitura de enciclopédias.

No fim da década de 1990, a Editora Globo de São Paulo publicou as *Obras completas* de Borges em quatro volumes (Prêmio Jabuti de Tradução), que preparei com Maria Carolina de Araujo, minha colaboradora e assistente editorial. Baseados nas pesquisas e em inúmeras consultas feitas para essa edição, conjecturamos que, com os extensos materiais ao nosso dispor, poderíamos elaborar um glossário ou o que no começo chamamos “Guia de leitura de Borges para o Brasil”, ou simplesmente “Guia Borges”. Falei “exercício” de leitura porque o projeto foi pensado inicialmente para ser realizado por alunos das áreas de graduação de Espanhol e de História da América, da Universidade de São Paulo: os alunos deveriam compor os verbetes, com o apoio de bolsas de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desen-

volvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Durante os primeiros dois anos, os seminários com os estudantes dedicaram-se à definição de um corpus: nomes próprios, termos e expressões extraídas dos quatro volumes das *Obras completas* cujo detalhado repertório pudesse despertar o interesse do leitor brasileiro. Chegou-se a uma lista exorbitante que ultrapassou 7 mil verbetes. Foi quando percebemos com mais clareza aquilo que já suspeitávamos: o caráter infinito da erudição de Borges e a empresa impossível de construir uma provável enciclopédia de uma mente enciclopédica por excelência. Uma metaenciclopédia.

O processo seletivo do corpus dos termos foi, sem dúvida, subjetivo e arbitrário. O que seria importante esclarecer ao leitor de Borges no Brasil que também despertasse o interesse de um leitor que não fosse brasileiro? Começaram então a surgir áreas de conhecimento que impediam que a realização do projeto ficasse limitada a um grupo de estudantes de graduação: literaturas argentina, inglesa, francesa, italiana, oriental, judaica, finlandesa, norte-americana, alemã ou anglo-saxônica; temas diversos como a poesia, a tradução, as matemáticas e a filosofia; também o mundo da história e da cultura argentinas, especialmente o do século XIX e da primeira metade do XX. Definimos, desde o início, que não faríamos interpretação de textos. Além disso, evitamos repetir informações de fácil acesso pelos meios da informática (Google, Wikipédia) e adotamos a norma de que todos os verbetes fariam referência específica à obra de Borges.

Na organização deste volume, o rico tecido de relações entre os diferentes verbetes teve de se subordinar à tirania do critério alfabético; toda vez que se fez necessário, recorremos ao uso da remissão de um verbete a outro.

Percebendo que alguns assuntos mereciam uma abordagem mais extensa, inauguramos a categoria dos “verbetes temáticos”. Entre os especialistas convidados para a elaboração desses

pequenos ensaios, encontram-se nomes como Alberto Manguel, Alfredo Alonso Estenoz, Ana Cecilia Olmos, Annick Louis, Beatriz Sarlo, Cláudia Fernández, Daniel Balderston, Davi Arrigucci Jr., David Oubiña, Edgardo Cozarinsky, Enrique Mandelbaum, Enrique Sacerio-Garí, Inés Azar, Ivan Almeida, Júlio Pimentel Pinto, Julio Schwartzman, Magdalena Cámpora, María de los Ángeles González Briz, Martín Greco, Michel Lafon, Pablo Rocca, Patricia Artundo, Rafael Olea Franco, Ricardo Piglia, Saúl Sosnowski, Walter Carlos Costa.

Além da imensa quantidade de consultas que realizamos, principalmente aos próprios autores dos verbetes, dois especialistas se dedicaram a uma leitura crítica das versões finais: Alfredo Alonso Estenoz, do Luther College em Iowa, e Júlio Pimentel Pinto, da Universidade de São Paulo. Para a supervisão dos verbetes sobre a cultura e literatura do Oriente, contamos também com a colaboração de Christina Civantos, da Universidade de Miami. Coube a Gênes Andrade a delicada tarefa da versão de textos originais em espanhol para o português. Da nossa plêiade de colaboradores locais, merece destaque Paulo Ferraz de Camargo Oliveira, que nos acompanhou ao longo dos anos elaborando e revisando verbetes.

Houve casos, considerados de exceção, em que incorporamos verbetes já publicados, como vários daqueles que vieram à luz no caderno *mais!*, suplemento da *Folha de S. Paulo* (1º de agosto de 1999), sob o título “ABC de Borges”, com colaborações de excelência. Outros, por exemplo, foram generosamente cedidos por Marcela Croce e Gastón Sebastián M. Gallo, autores da *Enciclopédia Borges*, e por Edgardo Cozarinsky e Eduardo Berti, autores da *Galaxia Borges*.

Uma das exceções mais curiosas, talvez a mais curiosa de todas, é o verbete sobre Jorge Luis Borges, elaborado pelo próprio escritor como “Epílogo” ao clássico volume das *Obras*

*completas*, de 1974, que saiu pela Editora Emecé de Buenos Aires. Nas páginas finais desse volume, o verbete se apresenta como um texto redigido para uma hipotética “Enciclopédia Sudamericana”, que seria publicada em Santiago do Chile cem anos mais tarde, portanto em 2074. O verbete é sobre “Borges, José Francisco Isidoro Luis”, com a deliberada substituição de “Jorge” por “José”.

Alguns instrumentos foram indispensáveis em nossas pesquisas: a clássica edição das *Oeuvres complètes*, da Bibliothèque de la Pléiade, em dois volumes, anotada por Jean Pierre Bernès, e a mais recente edição crítica das *Obras completas* de Borges, em três volumes, anotada por Rolando Costa Picazo e, no caso do primeiro volume, também por Irma Zangara. Tiveram igualmente grande utilidade alguns dicionários, como: *Borges: Una enciclopedia*, de Daniel Balderston, Gastón Gallo e Nicolás Helft; *Borges, libros y lecturas*, de Laura Rosato e Germán Álvarez, publicado em Buenos Aires pela Biblioteca Nacional em 2010; ainda, de Daniel Balderston, *The Literary Universe of Jorge Luis Borges*; de Evelyn Fishburn e Psiche Hughes, *Un diccionario de Borges; Reasoned Thematic Dictionary of the Prose of Jorge Luis Borges*, de Ion T. Agheană; *Ficciones de Borges*, de Antonio Fernández Ferrer, e *Borges A/Z*, organizado por esse mesmo autor (para a prestigiosa coleção La Biblioteca de Babel, de Franco Maria Ricci).

A lista de agradecimentos é enorme, começando pelos 66 colaboradores, que nunca deixaram de responder às nossas insistentes dúvidas. Lamento, profundamente, ter de registrar aqui duas perdas irreparáveis: Michel Lafon, um dos mais sofisticados críticos de Borges, que redigiu em especial para o nosso livro o verbete “Pierre Menard”, sem dúvida o personagem mais famoso da segunda metade do século xx para a teoria da literatura. E Ricardo Piglia, que tanto fez pela divulgação da literatura de Borges, e que não poderia es-

tar ausente do nosso projeto. Nenhum dos dois terá a alegria de ver o *Borges babilónico* publicado. O maior agradecimento, no entanto, é para a minha infatigável parceira, a coordenadora editorial Maria Carolina de Araujo, que, ao longo dos anos, não se furtou a lidar com todas as dificuldades próprias à elaboração de um livro muito próximo a um dicionário e com colaboradores tão diversos. Quero agradecer à Companhia das Letras, que, por intermédio dos editores Flávio Moura e Emilio Fraia, acolheu esta iniciativa. Também Raul Loureiro, responsável por um projeto gráfico de originalidade e beleza ímpares. *Last but not least*, sem a contribuição do CNPq os alunos não teriam ingressado neste fascinante universo, que os manteve ocupados durante vários anos.

Vi e ouvi Borges pela primeira vez por ocasião do Prêmio Jerusalém, na Universidade Hebraica de Jerusalém (1971). Depois, na memorável visita que o escritor fez a São Paulo, acompanhado de María Kodama, em 1984, e que as várias biografias sobre ele ignoram.

Passei a ensiná-lo nas aulas de graduação da área de Espanhol da Universidade de São Paulo. Mas, de fato, só aprendi a lê-lo ao lado de Emir Rodríguez Monegal, durante minha permanência em Yale (1977-8). A Emir, *in memoriam*, dedico este trabalho.

Para terminar, gostaria de me apropriar das palavras de Borges no prólogo ao *Livro dos seres imaginários*, ele mesmo uma espécie de dicionário:

Um livro desta índole é necessariamente incompleto; cada nova edição é o núcleo de edições futuras, que podem se multiplicar até o infinito. [...] Como todas as miscelâneas, como os inesgotáveis volumes de Robert Burton, de Fraser ou de Plínio, o *Livro dos seres imaginários* não foi escrito para uma leitura consecutiva. Gostaríamos que os curiosos o frequentassem, como quem joga com as formas mutantes que revela um caleidoscópio.



## colaboradores

Abel Posse [AP]  
Adriana Astutti [AA]  
Alberto Manguel [AM]  
Alexandre Eulalio [AE]  
Alexandre Fiori [AF]  
Alfredo Alonso Estenoz [AAE]  
Ana Cecilia Olmos [ACO]  
Annick Louis [AL]  
Arthur Nestrovski [AN]  
Beatriz Sarlo [BS]  
Clara Cohen [CC]  
Claudia Fernández [CF]  
Daniel Balderston [DB]  
Davi Arrigucci Jr. [DAJ]  
David Oubiña [DO]  
Dylan Frontana [DF]  
Edgardo Cozarinsky [EC]  
Enrique Mandelbaum [EM]  
Enrique Sacerio-Garí [ESG]  
Fabiano Gonçalves Borges [FGB]  
Fiorina Torres [FT]  
Gastón Gallo [GG]  
Germán Álvarez [GA]  
Gisele Castro [GC]  
Henrique Nunes Canever [HNC]  
Hernán Martínez Millán [HMM]  
Hernán Nemi [HN]  
Inés Azar [IAZ]  
Ivan Almeida [IAL]  
João Adolfo Hansen [JAH]  
Jorge Luis Borges [JLB]  
Jorge Schwartz [JS]  
Juan Manuel Bonet [JMB]  
Juliano Gouveia dos Santos [JGS]  
Júlio Pimentel Pinto [JPP]  
Julio Schwartzman [jsv]  
Laura Rosato [LR]  
Leah Leone [LL]  
Leila Mara Ruiz Babadópolos [LMRB]  
Leyla Perrone-Moisés [LPM]

Lucas Margarit [LM]  
Magdalena Cámpora [MCA]  
Marcela Croce [MCR]  
Marcelo Coelho [MCO]  
Marcelo Pereira da Silva [MPS]  
Marco Aurélio Botelho de Lima [MABL]  
Margarita Guerrero [MAG]  
Maria Augusta da Costa Vieira [MACV]  
María de los Ángeles González Briz [MAGB]  
Mario Tesler [MT]  
Martín Greco [MG]  
Michel Lafon [ML]  
Nicolas Shumway [NS]  
Pablo Martínez Gramuglia [PMG]  
Pablo Rocca [PR]  
Patricia Artundo [PA]  
Paulo Ferraz de Camargo Oliveira [PFCO]  
Priscila Pereira Mota [PPM]  
Rafael Olea Franco [ROF]  
Ricardo Piglia [RP]  
Rodolfo Brandão [RB]  
Sandra Martins Correia [SMC]  
Saúl Sosnowski [ss]  
Tiago Pinheiro [TP]  
Walter Carlos Costa [wcc]  
Yves Finzetto [YF]

# a

## *ab aeterno*

Expressão utilizada por Borges no ensaio “História da eternidade” (*História da eternidade*), no qual, conforme ele próprio afirma, estabelece uma ordem cronológica da história geral das eternidades, já que, em um mesmo escrito, trata de buscar as teorias divergentes de filósofos como Platão (v.), Plotino (v.), Santo Agostinho (v.) e Schopenhauer (v.) acerca das várias temporalidades, desde a simultaneidade de passado, presente e futuro até o tempo como sucessão. Entre as questões expostas estão o universo unânime (Plotino), a exclusão do futuro (Bradley), a realidade do infinito (Russell) (v.), a persistência de todas as coisas (Platão), a atualidade corporal (Schopenhauer) e o mistério da Trindade (Santo Agostinho), além da predestinação *ab aeterno* e mesmo da teoria pessoal de Borges, o qual registra a “insinuação possível de eternidade”. — AF

## *Abarbanel, Isaac; Abarbanel, Judas*

Isaac Abarbanel ou Abravanel (1437-1508), grande exegeta, arrendador de terras da realeza, conselheiro da corte em Portugal e provedor dos exércitos castelhanos — cargo mencionado por Borges em “*The Truth about Columbus*, de Charles Duff” (*Textos cativos*) — na Guerra de Granada. Esse conflito foi travado entre a Espanha católica, liderada pelos Reis Católicos, Fernando de Aragão e Isabel de Castela, e o reino muçulmano de Granada,

liderado por Boabdil (v.). Em 1492, os cristãos, após anos de tentativas e cercos militares, conseguiram vencer e expulsar os muçulmanos da península Ibérica.

Nascido em Lisboa e filho de Isaac Abravanel, Judas Abarbanel ou Abravanel (1460-1523), citado por Borges em “Nova refutação do tempo” (*Outras inquisições*), foi juiz, filósofo, físico e poeta. A família, por motivos políticos, foi obrigada a deixar Portugal e buscar refúgio na Espanha, como Borges comenta no poema “Uma chave em Salônica” (*O outro, o mesmo*), onde Judas ficou conhecido como León Hebreo [Leão Hebreu]. Com a expulsão dos árabes e judeus em 1492, eles tiveram de sair da Espanha e, dessa vez, instalaram-se no reino de Nápoles, atual Itália. Leão Hebreu dedicou-se então à literatura, e sua obra de maior importância é *Dialoghi di amore*, publicada postumamente, em 1535. Nela, o autor faz uma clássica exposição do amor platônico. Escrita em forma de diálogo, seus protagonistas são Philón e Sophia (*Philón + Sophia* = Filosofia). Leão Hebreu foi também exímio intérprete do neoplatonismo renascentista, conforme o próprio Borges ressaltou no mesmo “*The Truth about Columbus*, de Charles Duff”. — LMRB e PFCO

## *Abaroa, Diego*

Personagem do conto “A outra morte” (*O Aleph*), de Borges, está diretamente vinculado a dom Pedro Damián, cuja morte é investigada nessa narrativa. Abaroa é gaúcho, posteiro de uma fazenda em Gualeguaychú, na província de Entre Ríos. O próprio sobrenome não aparece de forma arbitrária na narrativa, dado que se origina do basco *baroa*, que significa “árvore ou outro lugar sombreado que sirva de refúgio ao gado”, acepção que se mostra simbólica e bastante

congruente com o personagem em questão. Abaroa é um dos envolvidos no mistério da morte de Damián, a qual se tenta explicar por meio de três versões, e transforma-se, com relação à própria existência no conto, em uma imagem diluída e incerta. O posteiro viu Damián morrer, mas, como este último é instável dentro da ficção, a figura de Abaroa torna-se igualmente instável. — PPM

## Abasto, Mercado de

Na década de 1890, foi estabelecida, em Buenos Aires, uma feira em que se vendiam frutas e verduras. Em 1934, inaugurou-se o atual edifício, localizado na rua Corrientes, 3200, onde funcionou, até 1984, o maior mercado da cidade. Em 1998, o prédio foi reaberto, porém como centro comercial.

É numa “úmida noite no exato centro de nosso Mercado Público”, narrada em “As inscrições das carretas” (*Evaristo Carriego*), que Borges fica observando as várias carretas que passam por ele, todas com inscrições inusitadas e diferentes que chamam sua atenção. Borges é um caçador de inscrições, que diz serem “flores da periferia”, “classicismo do subúrbio”; elementos de expressão literária popular superiores a alguns versos clássicos. Suas observações sobre as inscrições reafirmam-lhe a postura peculiar no que se refere, por exemplo, ao aspecto da autoria literária. Para ele, o principal na literatura não é a autoria de uma obra, mas o texto em si, mesmo que se trate de uma obra anônima, como tais inscrições. Outro aspecto abordado nesse conto é a facilidade que temos de julgar o breve e a possibilidade de mudarmos nossa opinião acerca de uma frase, ainda que ela seja uma inscrição de carreta. — PFCO

## Abdalmalik

Os primeiros califas da Abissínia iniciaram a prática de adotar um título real, denominado *laqab* [apelido], quando ascendiam ao califado. O termo significava a reivindicação da suprema autoridade no Estado muçulmano. Entre os sultões Ayyubid e Mamluk, o *laqab* escolhido foi Al-Malik, que quer dizer “o Rei”. Abdalmalik foi um governante da dinastia dos omíadas, contudo apenas na Síria e no Egito se reconheceu sua autoridade, já que nessa época houve intensas lutas de poder entre os diversos líderes locais. Por fim, em 692, Abdalmalik vence todos os rivais e garante a sobrevivência do califado como instituição política, permitindo o renascimento da expansão do Império que nos vinte anos seguintes anexaria o Norte da África, a Espanha e o Império Árabe. O período omíada foi essencial para a formação árabe, pois em seu auge o Império se expandiu, a administração se tornou ativa, e houve o florescimento da arquitetura, tendo sido erigido, sob o governo de Abdalmalik, o Domo da Pedra, em Jerusalém.

Abdalmalik também foi poeta. É justamente a essa característica que Borges se refere em “A busca de Averróis” (*O Aleph*). — PFCO

## Abelardo

Filósofo e teólogo francês (1079-1142), defendeu a leitura crítica das Escrituras fundamentada na razão. Estudou com grandes mestres de seu tempo — Roscelino de Compiègne e Guilherme de Champeaux — e tornou-se um renomado professor de dialética em Paris.

Um episódio célebre de sua vida é a ligação amorosa que teve com uma aluna chamada Heloísa, filha do cônego Fulbert. Este, ao saber do relacionamento, manda castrar Abe-